



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA

Abigail de Lima Alves

AUTISMO E EDUCAÇÃO

JOÃO PESSOA - PB  
AGOSTO DE 2014

Abigail de Lima Alves

## AUTISMO E EDUCAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Pedagoga.

Orientadora: Dr<sup>a</sup>. Janine Marta C. Rodrigues

JOÃO PESSOA - PB  
AGOSTO DE 2014

Abigail de Lima Alves

## AUTISMO E EDUCAÇÃO

APROVADO EM: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Dr<sup>a</sup>. Janine Marta C. Rodrigues - UFPB  
(Orientadora)

---

Dr. Magno Alexon Bezerra Seabra - UFPB  
(Professor Examinador)

---

Dr. Pedro Jusselino Filho - UFPB  
(Professor Examinador)

**JOÃO PESSOA – PB**  
**AGOSTO – 2014**

Dedico a todos que me apoiaram nessa  
caminhada

## AGRADECIMENTO

Agradeço primeiro a Deus, por sua infinita misericórdia para comigo dando-me forças para atingir meus objetivos e graças a Ele consegui chegar até aqui.

Aos meus pais, em especial a minha mãe, a que devo toda a minha gratidão. Aos meus irmãos, muito obrigados pelo apoio e pelo incentivo.

Ao meu esposo Paulo que me incentivou e ajudou na realização desse sonho.

À minha orientadora, Janine, pelo amparo, calma, carinho e doses de ânimo oferecido a mim durante a concretização deste trabalho; sem ela o caminho trilhado seria, com certeza, muito mais difícil.

Aos professores Walquíria , Isolda , Pedro Juscelino, Erenildo , pelos momentos de aprendizagem, pela parceria, pelo compromisso incansável e principalmente pela confiança na minha capacidade de aprendizagem enquanto aluno do curso.

À Emellynne Lemos, grande amiga, por ter me apresentado o admirável e fascinante mundo das crianças autistas. Você transformou minha história profissional. Sem o seu convite nada disso teria acontecido.

Às amigas Sandra, Mayara Flor, Vilalba, Maria Aparecida, Lisangela, Tamires o apoio, interesse, respeito, incentivo, momentos de desabafo e descontração que vocês me proporcionaram, cada uma a seu modo, me deram força para prosseguir.

À Geucianne, diretora, que abriu as portas da escola para a realização desta pesquisa e aos professores, alunos e demais profissionais, que colaboraram com esta pesquisa.

Enfim a todas as pessoas que de maneira direta ou indireta contribuíram com esta jornada, contribuindo para a realização desta tarefa.

“Entendo que solidariedade é enxergar  
no próximo às lágrimas nunca choradas  
e as angústias nunca verbalizadas”

**Augusto Cury**

## SUMÁRIO

Introdução.....	10
Autismo: Conceitos e Características.....	12
Aspectos Sócios Históricos e Políticos do Atendimento da Criança Autista.....	18
Práticas Pedagógicas nos Atendimentos a Criança Autista.....	22
TEACCH (Tratamento e Educação para Autista e Crianças com Deficiências relacionadas à Comunicação.....	23
Métodos do PECS – (Sistema de Comunicação Através de Trocas de Figuras.....	24
ABA– Análise Aplicada do Comportamento (Applied Behavior Analysis).....	25
Programa Sun-Rise.....	27
Metodologia.....	28
Coleta de Dados Sobre a Pesquisa.....	28
Perfil da Criança.....	29
Descrições em Sala de Aula e os Comportamentos apresentados.....	30
Dificuldades.....	31
Atendimento Educacional Especializado - AEE.....	32
Considerações Finais.....	34
Referências .....	35

## RESUMO

O autismo é uma síndrome de origens ainda desconhecidas, e é um tema de grande discussão entre vários teóricos. Caracterizado por apresentar dificuldade de interação social, na linguagem e no comportamento, acomete um grupo de pessoas com deficiência, tendo seu direito acobertado por lei pela Educação Especial e Inclusiva nas escolas de ensino regular. O objetivo desse trabalho foi o de analisar quais os métodos que podemos trabalhar no sistema educacional com as crianças e de conhecer melhor as questões relevantes acerca do autismo, às leis que acobertam essas pessoas e as possibilidades de intervenções pedagógicas com essas crianças. Para isso foram escolhidos os quatros métodos mais utilizados: ABA, PECS, TEACCH E SUN-RISE. A metodologia utilizada nesse trabalho foi um estudo de um caso de uma criança autista de sete anos de idade, matriculada no 1º Ano do Ensino Fundamental da Rede Municipal de João Pessoa. Mediante as observações, o indivíduo abordado no estudo demonstrou dificuldade de sociabilização, de executar algumas atividades de leitura proposta pela professora e de desempenhar com bastante facilidade atividades com software e mapas.

Palavras-Chave: Autismo - Práticas Pedagógicas - Educação.

## ABSTRACT

Autism is a syndrome of unknown origins yet, and is a topic of great discussion among various theorists. Characterized by having difficulty with social interaction, language and behavior, affects a group of people with disabilities, and covered up their right under the law for Special and Inclusive Education in mainstream schools. The aim of this study was to analyze which methods can work in the educational system with children and to better understand the relevant issues about autism, the laws that cover up these people and the possibilities of pedagogical interventions with these children. ABA, PECS, TEACCH AND SUN-RISE: for that the four most commonly used methods were chosen. The methodology used in this work was a study of a case of an autistic child seven years of age, enrolled in the 1st year of Primary Education of Municipal João Pessoa. Of observations, the individual approached the study demonstrated the difficulty of socialization, to perform some activities proposed by the teacher reading and play activities quite easily with software and maps.

Keywords: Autism - Pedagogical Practices - Education.

## INTRODUÇÃO

O presente estudo visa contribuir de forma significativa sobre autismo, objetivando conhecer qual a melhor maneira de trabalhar com crianças autistas.

Esse trabalho concentra-se no estudo do caso de um aluno com autismo do 1º ano do Ensino Fundamental, para tanto, efetiva-se entrevistas com profissionais, pais e observações da criança participando na rotina escolar em diferentes espaços. A predileção do caso em estudo tem com propósito ampliar os conhecimentos, efetivar a prática e a necessidade de orientar os profissionais da escola a respeito do autismo e sua relação com a criança em todo processo pedagógico.

Esse tema surgiu a partir de um forte interesse em esclarecer algumas questões a cerca do autismo e qual a melhor maneira de trabalhar com essas crianças no contexto educativo por meios de métodos de intervenções pedagógicas na ampliação e caracterização do ensino estruturado, que poderão possibilitar, de forma significativa, o processo de aprendizagem, bem como a sua independência, autonomia, comunicação e problemas de comportamentos inadequados.

Para o referencial teórico deste estudo utilizamos de autores que desenvolveram estudo sobre o mesmo tema, como Baptista & Bossa (2002), Ferrari (2007), Gauderer (1993), Rodrigues (2010), dentre outros.

Inicialmente trataremos da evolução do conceito de autismo por meio de aspectos sócios, históricos e políticos do atendimento da criança autista e verificaremos a importante investigação ao longo dos tempos.

Sabemos que o autismo é uma perturbação global do desenvolvimento do autista e não se conhecem as causas, nem prevenções, mas reconhece se as características e o, mas importante para nós pedagogos da educação especial, o de conhecer as formas e os modelos de intervenção para trabalhar com as crianças autistas usados em seu contexto educacional.

No Plano do Atendimento Educacional Especializado são incluídas propostas para as atividades a serem desenvolvidas com o aluno; a organização do atendimento, sugestões de seleção de materiais a serem determinados ou adquiridos, sugestão de

avaliação dos resultados e uma proposta para reestruturação do plano de intervenções pedagógicas.

## **2. AUTISMO: conceitos e características**

Ao longo dos tempos são diversas as perspectivas de vários autores sobre autismo. Uma deficiência que tem suscitado o interesse de muitos pesquisadores cujo o alvo de muitas investigações recaem sobre as causas, diagnóstico, avaliação e intervenções pedagógicas.

A palavra Autismo foi mencionada pela primeira vez na psiquiatria em 1906 pelo psiquiatra Plouller, que na época estudava os processos que ocorriam nos pensamentos de pacientes que faziam uma referência a tudo que no mundo e a sua volta relacionava-se consigo mesmo, em um processo considerado psicótico e de demência precoce.

Mas foi em 1911 que psiquiatra Eugem Bleuler, lançou pela primeira vez o termo autismo, para descrever uma das características de esquizofrenia precoce. Ele se refere a um quadro de esquizofrenia definida como sendo uma perda total de contato com a realidade, causada pela impossibilidade ou grande dificuldade na comunicação interpessoal.

Porém, somente em 1943, as primeiras publicações sobre o Autismo foram publicadas pelo psiquiatra norte americano, de origem austríaca, Leo Kanner que ao observar um grupo de crianças com características clínicas específicas, constatou que elas assumiam um comportamento diferenciado daqueles que já eram conhecidos pela literatura das síndromes psiquiátricas.

“A desordem fundamental consiste na incapacidade das crianças de estabelecer reações normais com as pessoas e de reagir normalmente às situações, desde o início da vida”. (FERRARI, p. 9,2007)

Ao prosseguir com seus estudos, Kanner em 1949, passou a classificar essa condição e a nomeia como um quadro de Autismo Infantil Precoce, caracterizado principalmente por dificuldade de contato com pessoas, uma ligação particular com objetos, dificuldade no contato e na comunicação interpessoal.

Também em suas análises Kanner separa o autismo de Esquizofrenia Infantil, já que os resultados intelectuais dos esquizofrênicos na infância não são deficitários, o que registram são distúrbios comportamentais e transtorno de pensamento.

As características comportamentais atuais em um grupo de crianças que diferem dos demais, no caso do autismo: extremo isolamento, dificuldade de relacionamento

com outras pessoas, até mesmo com a família, atraso na aquisição da fala e quando esta era adquirida, a criança não a usa como um meio de se comunicar e interagir com as pessoas, excelente memória, ignora as pessoas e os ambientes à sua volta, comportamentos repetitivos e bizarros, comportamento obsessivo e inquieto em relação conservar rotinas.

Modificações ainda, que mínimas podem dar origem a manifestações de angústia ou raiva. Muitas das vezes, a criança apresenta condutas ritualizadas de verificar, como se quisesse assegurar da ausência de mudanças em seu ambiente. (FERRARI, p. 11, 2007)

Assim podemos concluir que as áreas mais comprometida nos autistas são a dificuldade social, a comunicação e o comportamento.

Para Gauderer (1993, p. 22 e 27.) existem três principais definições para autismo: a da National Society for Autistic Children (Sociedade Nacional para Crianças Autistas) que diz que o autismo é uma inadequidade no desenvolvimento que se manifesta de maneira grave por toda vida. A Associação Americana de Psiquiatria apresentada no DSM-III (Diagnosticand Statical Manual of Mental Disordersde1980) descreve que o autismo é marcado por lesão na capacidade comunicativa e respostas bizarras a aspectos diversos do meio ambiente, a da Organização Mundial da Saúde contida no CID-9 (9º Classificação Internacional de Doenças de 1984) diz que o autismo é uma síndrome presente desde o nascimento e se manifestam até os três primeiros anos de vida.

Segundo o mesmo autor, o autismo é definido como:

Uma inadequidade no desenvolvimento que se manifesta de maneira grave durante toda a vida. É incapacitante e aparece tipicamente nos três primeiros anos de vida. Acomete cerca de cinco entre cada dez mil nascidos e é quatro vezes mais comum entre meninos que meninas. É encontrada em todo mundo e em família de qualquer configuração racial, étnica e social. [...] Os sintomas

[...] incluem:

1. Distúrbio no ritmo de aparecimento de habilidades físicas, sociais e linguísticas;
2. Reações anormais às sensações. As funções ou áreas mais afetadas são: visão, audição, tato, dor, equilíbrio, olfato, gustação maneira de manter o corpo;

3. Fala e linguagem ausentes ou atrasadas. Certas áreas específicas do pensar presentes ou não. Ritmo imaturo da fala, restrita compreensão de ideias. Uso de palavras sem associação com o significado.

4. Relacionamento anormal com objetos, eventos e pessoas. Respostas não apropriada a adultos ou crianças. Objetos e brinquedos não usados de maneira devida.

[...] A pessoa portadora de autismo tem uma expectativa de vida normal. Uma reavaliação periódica é necessária para que possam ocorrer ajustes necessários quanto às suas necessidades, pois os sintomas mudam e alguns podem até desaparecer com a idade. (GAUDERER, 1993, pág. 27 ).

Nessas definições são descritas algumas características importantes do autismo que diferem das outras deficiências, por apresentar umas marcas registradas em relação ao seu comportamento que é a presença de movimentos repetitivos e estereotipados tais como: girar a cabeça, girar objetos, balançar a mãos e em geral se fixam mais em partes do objeto do que em seu todo.

O autor afirma que:

A maioria das crianças com diagnóstico do Transtorno de Espectro Autista tem características físicas normais, porém, sua expressão séria pode passar a ideia, geralmente equivocada, de um ser com inteligência extremada. E que apesar da estrutura facial natural, está quase sempre ausente à expressividade das emoções e receptividade presentes na criança com desenvolvimento sem deficiência. (GAUDERER, 1993, p. 30).

O autismo nem sempre está associado à deficiência mental. Ocorre às vezes, em crianças com inteligência classificada como normal, que é conhecido como “déficit intelectual”, sendo mais intenso nas habilidades verbais e menos evidente em habilidades espaciais.

A maioria das crianças começa a mostrar sintomas de autismo entre 18 a 24 meses e os meninos são mais afetados pelo autismo do que as meninas. Sendo uma proporção de uma menina para quatro meninos.

Outro importante relato sobre característica do autismo é a capacidade de rejeitar tudo que é apresentado para ela do meio externo, as mudanças em sua vida rotineira faz com que haja, de imediato, uma conduta de comportamento inadequado no que se reflete ao seu meio social. Não atendem a ordens verbais, agem com se fossem surdos, cheiram ou lambem os brinquedos, manifestam uma autoagressão, colocam as mãos nos

ouvidos para demonstrarem que não querem ouvir algo, desenvolve a linguagem, mas podem ter interropimento sem retorno.

Ainda encontramos autista que não falam e nem se comunicam ou até os que falam bastante, mas que não usam a fala com mecanismo eficiente para a comunicação. Tal comportamento é denominado ecolalia e é característico de crianças com autismo; repetem frases antigas gravadas em sua memória, as falas de um desenho animado, ou repetem frases que um adulto acabou de falar.

Nessa linha de pensamento é provável compreender a dificuldade que o autista tem de se comunicar, ou seja, de manter uma interação com o meio social.

De acordo com DSM-IV-TR (Associação Psiquiátrica Americana [APA], 2002), o autismo é considerado como um Transtorno Global do Desenvolvimento que se assinala pelo desenvolvimento acentuadamente atípico na interação social e comunicação e pela presença de um repertório marcadamente limitado de atividades e interesses, mas específico em um trio de alteração que ocorre na interação social, na comunicação e comportamento.

Esses distúrbios nas interações sociais costumam manifestarem-se nos primeiros cinco anos de vida. Caracterizando-se por uma comunicação estereotipada e repetitiva e um distanciamento nas atividades diárias.

Identificar todas estas características é reconhecer que os alunos com autismo precisam de respostas educativas diferenciadas que proporcionem a estimulação para aprendizagem e ajudem a amenizar as dificuldades de comunicação, de interação e problemas de comportamento.

Existe hoje uma discussão sobre a denominação “espectro autista” relacionada a indivíduos que apresentam alguns comportamentos autísticos diferenciados e que comprometem suas competências sociais.

Gauderer (1993) ressalta também que as causas para o autismo ainda são desconhecidas apesar de haver vários estudos e pesquisas na busca das mesmas, mas ele é identificado através dos sintomas e características que surgem ao longo do tempo. Estas características manifestam-se por algumas dificuldades, como as relacionadas abaixo:

- Contato visual difícil sendo normalmente evitado;

- Ecolalia (repetição de palavras ou frases);
- Preferência em estar só;
- Não responde as ordens verbais (atua como se fosse surdo);
- Recusa em ouvir;
- Incapacidade de estabelecer interações sociais com outras crianças;
- Dependência de rotinas e resistência à mudança;
- Pode começar a desenvolver a linguagem, mas repentinamente isso é completamente interrompido sem retorno;
- Apresenta certos gestos imotivados como balançar as mãos ou balançar-se;
- Fazem movimentos repetitivos;
- Cheira ou lambe os brinquedos;
- Resiste à mudança de rotina;
- Demonstra desigualdade em habilidades motoras;
- Autoagressão;
- Isolamento social.

É importante lembrar que essas crianças também apresentam uma dificuldade em iniciar uma conversa e manter um diálogo; evitam o contato visual e demonstram, na maioria das vezes, aversão ao contato físico, tentando, assim, manter-se isoladas. Cada pessoa autista tem suas características e restrições próprias. Dificilmente haverá um autista igual a outro.

A criança parece não ver os objetos nem as pessoas e se comporta como se o próximo não existisse; nas formas mais extremas, pode parecer insensível a presença ou ausência dos próprios pais. E muitas vezes é difícil de captar seu olhar em razão de sua atitude de evitação ativa. (FERRARI, 2007, p. 10)

Sabe-se que o autismo não tem cura, mas há uma melhora significativa com as intervenções e métodos educacionais, com embasamento numa psicologia comportamental que, a priori, preocupa-se com o que os indivíduos fazem o oposto do que eles dizem fazer. Essas intervenções têm demonstrado uma redução nos sintomas e

possibilita aos autistas uma multiplicidade nas habilidades sociais, de comunicação e de comportamentos adaptativos.

A partir dessa reflexão a autora preconiza:

No acompanhamento dos prognósticos, é importante refletir sobre a situação crônica e a probabilidade de acontecer variação discreta ou mais intensa nas características previsíveis a síndrome no decorrer da vida do autista. A maioria atinge a velhice, porém conserva os problemas básicos de desvio na linguagem e no comportamento (rotinas e manias), além de problemas secundários, como transtorno de personalidade, afetivos, sociais e catatonia. Percebe-se que alguns comportamentos vão surgindo e outros desaparecendo na trajetória de vida do autista. (RODRIGUES, 2010, p.51)

Além disso, é apropriado que, quanto mais rápido for o diagnóstico, mais rápido será o início do processo do tratamento e, portanto, mais rápido surgirá melhora na pessoa com Autismo.

### **3. ASPECTOS SÓCIOS, HISTÓRICOS E POLÍTICOS DO ATENDIMENTO DA CRIANÇA AUTISTA.**

É importante expor que ainda tendo suas diferenças, suas limitações, o aluno com deficiência deve ser aceito igualmente como os outros colegas, uma vez que as pessoas com deficiência possuem os mesmos direitos de um “cidadão comum”, até mesmo o de não serem discriminados devido à deficiência.

Pelo fato da pessoa com deficiência ter os mesmos direitos que outras pessoas, a educação deve ser fornecida em ambiente favorável, com recurso e materiais que permitam que os alunos aprendam.

A Constituição Federal de 1988, estabelece a integração escolar enquanto regra constitucional, preconizando o atendimento aos que apresentam deficiência, preferencialmente na rede de ensino no Inciso I, do Artigo 206: a “Igualdade de condições para o acesso e a permanência na escola”, completado pelo Inciso III do artigo 208, que garante o “Atendimento Educacional Especializado aos alunos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”. (BRASIL, 1988).

A Lei de Apoio as Pessoas com Deficiências, nº 7.853/89 determina que a matrícula de pessoas com deficiências no sistema regular de ensino é obrigatória, tanto em estabelecimento público quanto os privados. Em caso de recusa da matrícula por objeção a deficiência, o Artigo 8º da mesma lei prevê pena de reclusão de 1 a 4 anos e multa para quem se recusa a fazer matrícula de pessoas com deficiências (BRASIL, 1989).

A Lei nº 8.069 de 1990 conhecida como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), garante a toda criança e adolescente o “direito à educação visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988, Art. 205; BRASIL, 1990, Cap. IV, Art.53).

No intuito de reafirmação deste acontecimento, na Declaração de Salamanca (1994) - Sobre os Direitos, Políticas na Área das Necessidades Educativas Especiais – encontra-se que as “escolas deveriam acomodar todas emocionais, linguísticas ou outras”, isto é, as escolas de ensino regular devem agenciar a educação de todos os

alunos, envolvendo as pessoas com deficiência, os superdotados, crianças marginalizadas pela sociedade ou que estão em desvantagem social.

- Todas as crianças, de ambos os sexos, têm direito fundamental à educação e que a elas deve ser dada a oportunidade de obter e manter um nível aceitável de conhecimentos;
- Cada criança tem características, interesses, capacidades e necessidades de aprendizagem que lhe são próprias;
- Os sistemas educativos devem ser projetados e os programas aplicados de modo que tenha em vista toda a gama dessas diferentes características e necessidades;
- As pessoas com necessidades educacionais especiais devem ter acesso às escolas comuns, que deverão integrá-las numa pedagogia centralizada na criança, capaz de atender a essas necessidades;
- As escolas comuns, com essa orientação integradora, representam o meio mais eficaz de combater atitudes discriminatórias, de criar comunidades acolhedoras, construir uma sociedade integradora e dar educação para todos;

A educação seja provida, para toda pessoa, a toda criança, que ninguém seja excluído por causa da deficiência que possui. A Declaração de Salamanca (1994) defende que o princípio norteador da escola deve ser o de propiciar a mesma educação a todas as crianças, atendendo as suas demandas, trazendo assim como eixo norteador as diferentes práticas pedagógicas, onde, na mesma sala de aula, o aluno com deficiências possa acessar o objeto de conhecimento, que poderá ocorrer por meio de alternativas diversas, estratégias, jogos, brincadeiras juntamente com a sensibilidade, criatividade e uma formação necessária a esse professor que necessita de adaptação as novas situações que precisam conhecer e saber aplicar métodos e técnicas especificadas para a aprendizagem desses alunos com deficiências.

A Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, aprovada pela ONU, em 2006, cita que é dever do Brasil, que é um dos Estados Partes desta Convenção, garantir que:

- a) As pessoas com deficiência não sejam excluídas do sistema educacional geral sob alegação da deficiência e que as crianças com deficiência não sejam excluídas do ensino fundamental gratuito e compulsório, sob alegação de deficiência;
- b) As pessoas com deficiência possam ter acesso ao ensino fundamental inclusivo, de qualidade e gratuito, em igualdade de condições com as demais pessoas na comunidade em que vivem (ONU, 2006, Art.24).

Na Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008, p. 15), consideram-se alunos com deficiência àqueles que têm impedimentos de longo prazo, de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, que em interação com diversas barreiras podem ter restringida sua participação plena e efetiva na escola e na sociedade. Os alunos com transtornos globais do desenvolvimento são aqueles que apresentam alterações qualitativas das interações sociais recíprocas e na comunicação, um repertório de interesses e atividades restrito, estereotipado e repetitivo. Incluem-se nesse grupo alunos com autismo, síndromes do espectro do autismo e psicose infantil.

Atualmente o autismo é visto como uma deficiência comportamental com causa múltipla com a implicação de um distúrbio de desenvolvimento, representando uma disfunção global do desenvolvimento, de acordo com a política Nacional de Educação Especial na Expectativa da Educação Inclusiva (2008).

Em Dezembro de 2012, a Legislação Brasileira deu mais um passo em direção à inclusão e aceitação social das pessoas com deficiência, em especial o autista.

Na reafirmação do direito da pessoa com Espectro Autista foi criado após anos de lutas a Lei Berenice Piana de nº 12.764, de 27 de Dezembro de 2012, nome dado em mensagem à mãe de autista que lutou por benéficos de todos os pais e familiares com as mesmas dificuldades de cuidarem dos seus filhos com autismo.

A Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista estabeleceu uma ampla conquista para os autistas, seus familiares e profissionais que atuam com estas pessoas.

Art. 1º Esta Lei institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista e estabelece diretrizes para sua consecução.

No § 1º<sup>o</sup> Para os efeitos desta Lei, é considerada pessoa com transtorno do espectro autista aquela portadora de síndrome clínica caracterizada na forma dos seguintes incisos I ou II:

I - deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação sociais, manifestada por deficiência marcada de comunicação verbal e não

verbal usada para interação social; ausência de reciprocidade social; falência em desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento.

II - padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades, manifestados por comportamentos motores ou verbais estereotipados ou por comportamentos sensoriais incomuns; excessiva aderência a rotinas e padrões de comportamento ritualizados; interesses restritos e fixos.

No § 2º do Art. 1º da Lei Berenice Piana está uma simples e precisa afirmação, mas que faz toda a diferença quando é preciso garantir os direitos dos autistas: “A pessoa com transtorno do espectro autista é considerada pessoa com deficiência, para todos os efeitos legais”.

A compreensão e execução dos artigos da lei evidenciam os direitos dos autistas semelhantes aos direitos das pessoas com outras deficiências. Com essa medida o Brasil amplia o sistema de proteção social e de cuidados para com aqueles que precisam superar obstáculos a fim de atingir uma maior autonomia e participação na sociedade.

#### **4. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NOS ATENDIMENTOS A CRIANÇA AUTISTA**

Muito tem se discutido sobre a importância de práticas pedagógicas educacionais que auxiliam no desenvolvimento de habilidades básicas de comunicação e de autonomia das crianças autistas.

A inclusão de crianças com autismo no ensino regular vem sendo cada vez mais constante, no entanto, não basta apenas a sua presença nas escolas, é necessário garantir seu aprendizado. A escola inclusiva sugere um sistema educacional que respeite as necessidades de todos os alunos estruturados em função dessas necessidades.

A escola se torna inclusiva à medida que reconhece a diversidade que constitui seu alunado e a ela responde com eficiência pedagógica. Para responder às necessidades educacionais de cada aluno, condição essencial na prática educacional inclusiva, há que se adequar os diferentes elementos curriculares, de forma a atender as peculiaridades de cada um e de todos os alunos. Há que se flexibilizar o ensino, adotando-se estratégias diferenciadas e adequando a ação educativa às maneiras peculiares dos alunos aprenderem, sempre considerando que o processo de ensino e de aprendizagem pressupõe atender à diversificação de necessidades dos alunos na escola (BRASIL, 1999).

Sabemos que a criança autista abrange falha na interação social, dificuldade na comunicação e comprometimento na imaginação, comportamentos, interesses e atividades restritos, estereotipados e repetitivos. E para que haja uma melhora em seu desenvolvimento, são indispensáveis intervenções adequadas que contribuíssem para esse processo, enfatizando ainda que muito pode ser feito para ajudá-lo em diversas situações no ambiente escolar.

A indicação de um planejamento pedagógico individual para o portador de Autismo se propõe exatamente pela individualidade dos casos, ideia esta que estamos apresentando durante todo o estudo, a importância dos contextos sóciofamiliares, econômicos e culturais, que interferem no aprendizado. Tais interferências diferem de pessoa a pessoa no que concerne ao estágio de desenvolvimento, grau de comprometimento da patologia e a idade no período do tratamento (RODRIGUES, 2010, p.68).

Desse modo é importante relatar que a aprendizagem individualizada e direta será adequada para as crianças com autismo, no entanto devemos lembrar que as crianças com autismo demoram mais no seu processo de aprendizagem e exige uma maior

atenção do professor que necessitará da utilização de práticas reflexivas e recursos didáticos alternativos de visualidade, gravuras, ilustrações, que facilitarão a compreensão do aluno e assim estimular a linguagem direcionando para uma aprendizagem mais significativa.

Assim, ao recriar em suas estratégias e métodos de intervenções o professor possibilita um enriquecimento no comportamento, na integração social e na aprendizagem.

Existem métodos de intervenções pedagógicas que podem auxiliar nas atividades diárias com pessoas com autismo, no entanto os profissionais precisam ler mais sobre o tema, adquirir subsídios para que estejam preparados a identificar as dificuldades no processo de aprendizagem das pessoas.

Dessa forma serão apontados quatro métodos que surgiram por meio de pesquisas dos profissionais da psiquiatria infantil como instrumentos de facilitação para a aprendizagem e inserção das crianças autistas na sociedade.

#### **4.1 – TEACCH (Tratamento e Educação para Autista e crianças com Deficiências relacionadas à Comunicação).**

O Método TEACCH (Tratamento e Educação para Autista e crianças com Deficiências relacionadas à Comunicação), foi desenvolvido pelo Dr. Eric Schopler e seus colaboradores na década de 70, na Carolina do Norte (Estados Unidos da América).

O método TEACCH é um programa de ensino estruturado com intervenção terapeuta educacional e clínico, tem como objetivo fundamental auxiliar a criança com autismo a desenvolver e melhorar os seus comportamentos, disposições adequadas de como atingir o máximo de autonomia ao longo da vida.

Baseado na organização do espaço físico por meio de rotinas em quadros, painéis, agendas e sistema de trabalho de maneira a adequar o ambiente o qual se revela num conjunto de princípios e estratégias baseadas na estruturação do espaço, tempo, materiais e atividades, promovendo uma organização interna de forma a facilitar os

processos de aprendizagem e de autonomia, diminuindo assim, problemas de comportamento.

De acordo com Rodrigues (2010) A criança autista exprime melhor a percepção visual do que a auditiva durante as estimulações, responde a ela positivamente quando estimulada em ambientes organizados, ou seja, o funcionamento adaptativo do autista é consideravelmente melhor em condições estruturadas.

Esse método é constituído por plano terapêutico individual no qual será definida, de maneira visual, uma programação diária para a criança autista, partindo objetos concretos e sucessivamente para modelos representativos e peculiares, de acordo com as suas possibilidades de memorização de rotinas funcionais e interesses especiais, podendo ser adaptado a necessidades particulares e a diferentes níveis de funcionamento, ele é voltado para as necessidades individuais de aprendizagem para crianças autistas baseado no dia a dia.

Sabe-se que as crianças autistas precisam de uma motivação e organização para entender ao que lhe será solicitado; dessa maneira, a cada sequência de trabalho, deve existir um local recomendado para realização das atividades individuais com auxílio de um terapeuta, bem como para as atividades em grupo, as de descanso ou tempo livre, nas quais serão selecionadas atividades direcionadas aos interesses de cada criança.

Ainda segundo a autora (pag.83) para cumprir com os objetivos pedagógicos planejados, são utilizados estímulos visuais, fotos, figuras, cartões que orientam o autista na escola e nos ambientes em casa.

Numa perspectiva educacional, a base do modelo TEACCH está no ensino de capacidades de comunicação, organização e satisfação na participação social.

#### **4.2 – Método do PECS – ( Sistema de Comunicação Através de Trocas de Figuras).**

Pensando em uma forma de amenizar a dificuldade de comunicação que por várias vezes levam os autistas a terem comportamentos inadequados, tais como: agressão, automutilação, choro, entre outros, o PECS – ( Sistema de Comunicação Através de Trocas de Figuras) foi elaborado com o intuito de ensinar a esses autistas de diferentes idades e com dificuldades de comunicação a se comunicarem através de

trocas de figuras, e também para que eles possam expressar aquilo que querem e desejam de forma espontânea em seu contexto social.

Esse método PESC foi desenvolvido nos EUA pelo Psicólogo Andrew Bondy e pela fonoaudióloga Lori Frost, que almejavam uma contribuição para melhorar a comunicação funcional e socialmente aceitável das crianças com aspecto autista.

Eles também queriam encontrar uma forma que fosse mais simples para os pais e que facilitasse a possibilidade de outras pessoas aprenderem e entenderem as crianças, permitindo uma integração social e ao mesmo tempo uma autonomia sobre seus desejos.

Nesse método o material utilizado são os cartões com figuras representando objetos e situações que a criança utiliza para expressar aquilo que almeja, visando ajudar as crianças a perceber que por meio da comunicação elas podem conseguir com mais rapidez as coisas que desejam estimulando à comunicação e, conseqüentemente, a diminuição de condutas indesejadas.

De acordo com o manual de treinamento do PECS, quando a criança ou o adulto com diversas deficiências começam a utilizarem essa forma de comunicação, primeiro eles aprendem a abordar um parceiro de comunicação e a dar uma imagem de um item desejado em troca desse item. Ao realizar isso, a criança ou adulto inicia um ato de comunicação para um resultado concreto dentro do seu contexto.

Segundo Rodrigues um dos pressupostos da metodologia do PECS é descobrir o que motiva a pessoa com autismo ou com síndromes correspondentes a querer se comunicar, quais elementos da realidade são mais atraentes e que razão o induz a querer comunicar-se.

#### **4.3 – ABA – Análise Aplicada do Comportamento ( Applied Behavior Analysis).**

Conforme o Manual “Ajude-nos a aprender” – Programa de Treinamento da Análise do Comportamento Aplicada – ABA – (2006, p. 4), é um termo do campo científico do Behaviorismo, que observa, analisa e explica a associação entre o ambiente, o comportamento humano e a aprendizagem.

O Programa de Treinamento da Análise do Comportamento Aplicada – ABA é caracterizada pela coleta de dados de dados antes, durante e depois da intervenção com intuito de analisar o desenvolvimento individual da criança e auxiliar na tomada de decisões em relação ao programa de intervenção e às estratégias que melhor promovem a aquisição de habilidades especificamente necessárias para cada criança.

Torne o ambiente de aprendizagem reforçador. Prepare o ambiente de aprendizagem. Combine e varie demandas de ensino. Intercale tarefas fáceis e difíceis. Aumente gradualmente o número de demandas. Agilize o ritmo de instrução. Ensine fluência das habilidades. Cartões de dicas para professores. Contato visual. (TÉCNICAS COMPORTAMENTAIS USADAS EM ABA, 2006, p. 8 )

Essas coletas de dados devem ser recolhidas por meio de sessões individuais, em situação de um-para-um, que tenham um equilíbrio entre as atividades acadêmicas com trabalho de mesa, de linguagem, sociais, de cuidados pessoais, de brincar, motora ampla, motora fina, uma variedade de instalações de sala de terapia, vários professores ou terapeutas.

Rodrigues (2012, p. 84,85) ressalta que os trabalhos de estimulação ao aprendizado de novas aptidões são apresentados ao aluno por auxílio de indicação ou instrução. Assim se mediante alguma atividade a criança precisar de um apoio para iniciar uma atividade ou até mesmo continuar na atividade, o terapeuta intervém agindo como mediador; sua ajuda é concedida até que ela consiga realizar as atividades com autonomia, evitando um reforço à dependência.

A abordagem teórica da ABA é definida como método para avaliar, explicar e modificar comportamentos baseados nos princípios do condicionamento operante que tem suas origens nos estudos de Skinner, sobre a aprendizagem e sobre a análise de comportamentos, feitos especialmente através da análise das relações entre ações do organismo e do ambiente.

Procedimentos usados pela ABA são baseados na avaliação detalhada das conseqüências que mantém os comportamentos de cada individuo e podem ser modificados, na medida em que a evidencia demonstra melhoras ou não ao longo do tempo e da intervenção. Cabe ressaltar com grande ênfase que os métodos e estratégias utilizadas na ABA não são baseados em práticas aversivas para reduzir comportamentos indesejados. (CAMARGO, 2013, p.42).

Em suma, objetivo principal da Análise do Comportamento na intervenção das crianças com autismo é a possibilidade de oferecer a elas e a seus familiares uma prática de como lidar com esse transtorno sem fazer dele uma limitação, proporcionando à família e a própria criança maior independência e autonomia em habilidades sociais básicas.

#### **4.4 Programa Sun-Rise**

Em pesquisa realizada sobre métodos educacionais para crianças com autismo, existe o programa Sun-Rise que é um método educacional desenvolvido pelo The Autism Treatment Center of America, em Massachusetts, nos Estados Unidos e tem sido aplicado em vários países com ótimos resultados.

Este Programa Sun-Rise realiza atividades que trazem oportunidades para que pais, profissionais e crianças juntas possam formar novas formas de se comunicarem e de interagirem, com atividades motivacionais e lúdicas, fornecendo uma base para o aprendizado social, emocional e cognitivo, contribuindo para a autonomia e para a inclusão social.

Este método respeita o ritmo da criança, fazendo com que ela participe das atividades ou das brincadeiras adotando suas preferências sensoriais e assim, inserimos metas educacionais personalizadas que ajudam a criança a aprender brincando, ou seja, passa a superar suas dificuldades e desenvolver suas habilidades.

O Programa Son-Rise propõe uma participação ativa dos pais que contam com o auxílio de um grupo multidisciplinar de profissionais, o programa pode ser realizado na residência da criança ou adulto com autismo, em um ambiente especialmente preparado contendo brinquedos e materiais motivadores para a criança ou adulto com autismo que sirvam como instrumento de facilitação para a interação e aprendizagem, com isto os pais aprendem a construir, no dia-a-dia, experiências interativas estimulantes que convidem a criança a desenvolver-se socialmente.

## **5. METODOLOGIA**

Com o objetivo de melhor entender o cotidiano de uma criança diagnosticada como autista, nos deslocamos a Escola Municipal de Ensino Fundamental José Eugênio de Albuquerque, situada no Município de João Pessoa onde estuda , do sexo masculino, hoje com 7 anos devidamente matriculado no 1º ano do ensino fundamental.

Como procedimento, adotamos o estudo de caso.

(Yin 2001, p.32) O estudo de caso pode ser utilizado quando precisamos responder questões específicas e consideramos a unidade social como um todo.

Para tanto, no estudo de caso procuramos reunir informações detalhada para entender a totalidade da situação.

Segundo ainda Barros e Duarte (2006, p.219) “podemos usar o estudo de caso para explicar vínculos, casuais, descrever uma intervenção e explorar situações que estão sendo avaliadas”.

Partimos em nosso estudo de caso de duas perguntas: Primeira: por que o aluno é considerado autista; Segunda: como ele se comporta frente ao diagnóstico que lhe foi atribuído. Percebemos então a necessidade de um contato com a família, com a professora, conhecer o laudo e observar o comportamento do aluno e as relações que ele estabelece na sala de aula, na escola, com a professora e no dia a dia com a família. Procuramos então com objetividade, levantar estes pontos que apresentamos a seguir.

O passo inicial da pesquisa foi contato na escola; como segundo passo, a convivência com a família e como passo final, o acompanhamento do aluno e análise do caso.

### **5.1 – Coleta de dados sobre a pesquisa:**

Como instrumentos de pesquisa adotamos entrevista e caderno de campo com registro das observações do cotidiano escolar e familiar do aluno observado.

Quanto ao estudo de caso, os procedimentos utilizados com o aluno relacionaram-se a observação em diferentes espaços da escola, tais como: sala de aula, recreio, sala de atendimento especializado e conversas no dia a dia escolar com as pessoas que compõem o ambiente educativo do aluno.

## **5.2 – Perfil da criança:**

André\*, é uma criança de 7 anos de idade, que tem diagnóstico de autismo infantil a 3 anos, expedido por um neuropediatra de João Pessoa; mora com os pais e sendo filho único apresenta limitações em alguns aspectos na interação social, na comunicação, na mudança de rotina. É uma criança inteligente, mas bastante inquieta. A maior parte de seu tempo é entre a escola de ensino regular e os atendimentos na APAE.

<sup>1</sup>Apresenta uma falta de apego a outras pessoas, com os colegas e com a professora da sala de aula. Prefere ficar isolado e resiste a uma aproximação de contato físico, embora esta atitude não signifique a falta de afetividade, mas que pode ser visto como a limitação na expressão ou exposição dos seus afetos, características comuns ao autista.

André \*, já se utiliza da comunicação mais funcional, emitindo frases simples como quero água, fazer xixi, percebendo uma leve capacidade de expressão de suas necessidades, desejos e interesses. Mas em alguns momentos, utiliza-se das pessoas como ferramenta para conseguir algo como um alimento que quer comer, um brinquedo preferido, massinha de modelar entre outros.

Demonstra já perceber o uso do eu, quando é chamado pelo seu nome, reage e obedece a comandos mais simples, contudo quando lhe é imposto regras que não deseja fazer no momento, apresenta comportamento inadequado de birras ou de agressividades como gritos, puxões e empurrões, percebe que a uma dificuldade em aceitar limite, também não apresenta medo em frente a perigos reais, quando, por exemplo, se pendura na janela de alguma sala.

As estereopatias são um exemplo da manifestação do prejuízo na flexibilidade. Trata-se de estereopatias sensório-motoras: balançar o corpo, bater palmas, fazer e desfazer, ordenar e desordenar. São rituais simples.

---

\*Para proteger a identidade da criança analisada , substituímos seu nome por André.

Também podemos encontrar rituais elaborados, como apego a objetos que são carregados a todos os lugares, controle rigoroso de situações do ambiente ou da rotina e rígido perfeccionismo. Outra característica do prejuízo na Função Executiva apresentada pelas pessoas com Espectro Autista é a dificuldade de dar sentido aos acontecimentos e às atividades. Para dar sentido é preciso antecipar, dar propósito e isso tem a ver com a finalidade de algo. Na manifestação desse prejuízo, encontramos pessoas que apresentam predominantemente atividades sem sentido, sem propósito, sem funcionalidades. Também encontramos aquelas que conseguem fazer atividades funcionais simples e breves, e outras que desenvolvem atividades funcionais e com autonomia, mas motivadas externamente. (BELIZARRI FILHO, 2010, p.22).

A criança apresenta estereotípias de girar objetos e quando é encaminhada para atividade livre como jogos e brincadeiras, como no caso de André, é necessário sempre orientá-lo sobre a função de cada objeto e de interagir de maneira correta com seus colegas.

### **5.3 Descrições em sala de aula e os comportamentos apresentados**

André começou a frequentar essa escola no jardim I, quando tinha 6 anos. Hoje está matriculado no 1º ano do ensino fundamental no período da manhã.

A turma é composta por 20 alunos, e aparentemente ele expressa uma satisfação em está na escola. A sala é iluminada, ventilada e espaçosa.

Em sala de aula gosta de se organizar em roda com os colegas, mas não gosta que durante a aula os colegas cantem alto, gosta de ficar observando o que a professora registra no quadro, segundo a professora ele já faz leitura de algumas palavras e de cartazes simples, tem um grande interesse e facilidade de manusear computadores, soft com mapas, ruas e avenidas.

Foi observado que em alguns momentos há comportamentos inadequados como irritabilidade, risos e estereotípias. Não participa e nem demonstra interesse em desenvolver as atividades de escrita proposta pela professora para ele individualmente.

Quando é sugerida para a criança a utilização de material concreto ou imagens realiza com mais facilidade, mas sempre necessitando da cuidadora e cabe a cuidadora fazê-lo compreender e organizar as atividades. Por várias vezes a criança sai da sala e não há uma aproximação com seus colegas ou com a professora, sempre preferindo ficar isolado e restrito, mantendo apenas um maior contato com a cuidadora, muitas vezes a

usa como objeto, pegando em sua mão quando quer algo, ao invés de pedir ou até mesmo apontar.

A cuidadora é uma profissional determinada pelo Projeto de Lei Nº 8014/10 que deve atuar como uma mediadora entre a professora e o aluno, ou seja uma pessoa que o acompanhe de forma mais individualizada no ambiente escolar, em mobilidade, necessidades pessoais e realização das tarefas afins.

Dentro das atividades propostas pela professora para toda turma, as que ele realiza com mais facilidade são de leitura de cartazes, com imagem, com números, associação de letras e imagens, sequência numérica. Durante a realização dessa atividade ele demonstrou uma satisfação em fazê-la, no entanto, a professora deixa que essas atividades sejam realizadas com a ajuda da cuidadora e não dela.

Em nossas observações percebemos que a professora ainda não sabe como lidar com essa criança e sempre tenta realizar atividade de leitura simples no quadro. Revela que está lendo mais sobre o autismo para poder ajudá-lo e também contribuir no desenvolvimento da criança.

## **5.5 Dificuldades**

André é uma criança que já sabe ler frases e textos simples, mas é perceptível claramente, que ele necessita de intervenção e uma contribuição diante de uma comunicação mais efetiva, do comportamento inadequado, a aprendizagem, a aquisição da escrita, a afetividade e socialização. No entanto é relevante lembrar que tais dificuldades são decorrentes da síndrome que o mesmo apresenta.

Segundo o Sartoretto (2010) os alunos com impedimentos na comunicação nem sempre participam dos desafios educacionais porque os professores desconhecem estratégias e alternativas de comunicação. Para garantir a esses alunos meios de expressarem suas habilidades, dúvidas, necessidades, faz-se necessário descobrir meios de compreender de que forma eles estão processando e construindo conhecimento.

## **5.6 Atendimento Educacional Especializado – AEE**

O Atendimento Educacional Especializado – AEE, é um serviço destinado às crianças com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades, superdotação, tendo seu acolhimento em sala de Recursos Multifuncionais ou em Centros de Atendimento Especializado da Rede Pública, que vem se adequando conforme a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Especial (2008).

A AEE complementa e/ou suplementa a formação do aluno, visando a sua autonomia na escola e fora dela, constituindo oferta obrigatória pelos sistemas de ensino. É realizado, de preferência, nas escolas comuns, em um espaço físico denominado Sala de Recursos Multifuncionais (Brasil 2008).

Nesse atendimento, cabe ao professor do AEE atuar nas atividades complementares curriculares, especificando o que constitui cada atendimento, colaborando com os professores da classe regular para uma definição de possíveis estratégias pedagógicas que favoreça o acesso do aluno ao conhecimento e a sua interação social, promovendo a esses alunos também condições de participar das atividades escolares e também fora dela, orientar as famílias para o desenvolvimento e participação no educacional.

O atendimento educacional especializado identifica, elabora e organiza recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando as suas necessidades específicas. As atividades desenvolvidas no atendimento educacional especializado diferenciam-se daquelas realizadas na sala de aula comum, não sendo substituídas à escolarização. Esse atendimento complementa e/ou suplementa a formação dos alunos com vistas à autonomia e independência na escola e fora dela (Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, 2008, p. 16).

O AEE constitui em apoio fundamental para garantir a participação dos alunos com deficiência na classe regular.

A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão recomenda aos professores comuns e aos da Educação Especial, que precisam se envolver para que seus objetivos específicos de ensino sejam alcançados, compartilhando um trabalho interdisciplinar e colaborativo. As frentes de trabalho de cada professor são distintas: ao professor da sala

de aula comum é atribuído o ensino das áreas do conhecimento, e ao professor do AEE cabe complementar/suplementar a formação do aluno com conhecimentos e recursos específicos que eliminam as barreiras às quais impedem ou limitam sua participação com autonomia e independência nas turmas comuns do ensino regular (2010). Nesse propósito o professor deverá elaborar um plano individual para cada criança, considerando as limitações, as dificuldades e valorização das habilidades e potencialidades dos alunos.

Dentro desse plano deve haver também uma variedade de estratégias pedagógicas que auxiliam no trabalho na sala de aula multifuncional como na sala regular. Entre essas podemos citar jogos pedagógicos que valorizem os aspectos lúdicos, a criatividade e o desenvolvimento de estratégias lógicas e pensamento, jogos adaptados como confeccionado em Libras e Braille, livros didáticos, os jogos de apoio visuais.

É importante frisar que esse atendimento não pode ser confundido com um reforço escolar ou a reprodução dos conteúdos programáticos já vistos em sala de aula, nele devem estabelecer um conjunto de procedimentos específicos do processo de apropriação e produção de conhecimento.

Assim conforme ainda as Diretrizes da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008, p.16)

O atendimento educacional especializado disponibiliza programas de enriquecimento curricular, o ensino de linguagens e códigos específicos de comunicação e sinalização, ajudas técnicas e tecnologia assistiva, dentre outros. Ao longo de todo processo de escolarização, esse atendimento deve estar articulado com a proposta pedagógica do ensino comum.

Desta forma podemos entender que a proposta defende a inclusão dos autistas de forma ampla, desfazendo-se das práticas tradicionais e criando uma nova política de práticas inovadoras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da pesquisa foi possível buscar informações claras e objetivas sobre o processo de ensino e aprendizagem do aluno com autismo incluído no ensino regular. Para tanto, a educação de uma criança autista é uma experiência que exige do educador uma organização pedagógica direcionada ao desenvolvimento de suas habilidades e competências, sendo assim, na inclusão escolar é fundamental reconhecer as diferenças dos alunos no processo educativo e buscar a participação e o avanço de todos, trabalhando com novas práticas pedagógicas.

Tendo como ponto de partida o estudo de caso, no intuito de conhecer como está ocorrendo à inclusão da criança autista no ensino regular e conhecendo através das pesquisas realizadas que o autismo é uma inadequacidade no desenvolvimento na criança que compromete a comunicação, socialização, imaginação e criatividade, verificamos que apesar de seus comprometimentos, não é uma pessoa incapaz de apreender, precisa de maneiras diferentes para alcançar sua aprendizagem.

Durante o estudo foi possível observar que a educação de uma criança autista exige dos educadores adaptações metodológicas baseada em intervenções que desenvolvam habilidades e competências, ou seja, realizando assim a inclusão escolar buscando reconhecer as diferenças, adequando ao processo de ensino de aprendizagem as reais capacidades desses alunos.

Vale ressaltar ainda que a escola deve procurar meios para atender esta demanda, adequando-se para receber estes alunos e trabalhar para que eles consigam desenvolver suas habilidades de linguagem, atividades motoras, interação social e aprendizagem.

## REFERENCIAS

BELIZÁRIO FILHO, José Ferreira. MEC-Coleção A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: transtornos globais do desenvolvimento. Volume 9. Fortaleza: UFC, 2010.

BOSA, Cleonice. Autismo: atuais interpretações para antigas observações. In: BAPTISTA, Cláudio Roberto; BOSA, Cleonice. Autismo e educação: reflexões e propostas de intervenção. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Inclusão. Revista da Educação Especial. O Atendimento Educacional Especializado na Educação Inclusiva. Secretaria de Educação Especial, v. 05. n 01. Brasília: SEESP, 2010.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Adaptações Curriculares/ Secretaria de Educação Fundamental. Secretaria de Educação Especial - Brasília: MEC/CEF/SEESP, 1999.

\_\_\_\_\_. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília, 1988.

\_\_\_\_\_. Declaração de Salamanca. Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Brasília: UNESCO, 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em 20 jul. 2014.

\_\_\_\_\_. Lei N° 8069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF, 1990. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12716&Itemid=863](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12716&Itemid=863). Acesso em 20 jul. 2014.

BARROS (orgs) e Duarte. Estudo de Caso, Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. São Paulo. Atlas, 2006.

CAMARA DOS DEPUTADOS. Projeto de Lei 8014\2010 Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/camارانoticias/noticias/educacao-e-cultura/438330-camara-aprova-cuidador-nas-escolas-para-alunos-com-deficiencia>. Acesso em 16 de Jul.2014.

FERRARI, Pierre. Autismo Infantil: o que é e como tratar/Pirre Ferrari[Tradução Marcelo Dias Almada]- São Paulo: Paulinas, 2007. – (Coleção caminhos da psicologia)

GAUDERER, E. Christian. Autismo e outros Atrasos do Desenvolvimento. Uma Atualização para os que atuam na área: do especialista aos pais. Brasília, CORDE, 1993

Revista Autismo - **Sun-Rise**: uma abordagem inovadora. Disponível em: [www.revistaautismo.com.br/edic-o.../sun-rise-uma-abordagem-inovador](http://www.revistaautismo.com.br/edic-o.../sun-rise-uma-abordagem-inovador). Acesso em: 27 de Jul.2014

RODRIGUES, Janine Marta Coelho, SPENCER, Eric. A criança Autista- Um estudo psicopedagógico- Rio de Janeiro : Wak Editora , 2010.

SARTORETTO, Mara Lucia. MEC-Coleção A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: Recursos pedagógicos Acessíveis e Comunicação Aumentativa e Alternativa .Volume 6. Fortaleza: UFC, 2010.

YIN, Robert K, Estudo de Caso: Planejamento e Métodos – Trad. Daniel Grassi- 2º ed. Porto Alegre : Bookman, 2001.